

## Zeca Afonso 20 anos de memória e saudade



# “Filho da madrugada”

Em 23 de Fevereiro de 1987 a morte saiu-lhe à rua, faz vinte anos... e nem um fragmento de memória nos separa da recordação que deixou, das frases que toda a gente conhece, da importância da sua passagem pela história que lhe foi tempo de vida.

Asdrilhado de palavras, aprendeu a usá-las entre europeas e áfricas de pessoas e poemas.

Cantou Coimbra e transfigurou o cariz da balada, acertou-a com a sua enorme insatisfação das acceções que o rodeavam e desenhou as diferenças em metáforas, umas subtis outras explícitas, que lhe trouxeram companheiros de estrada mas o levaram também às quatro paredes de uma cela onde aprendeu na carne a importância de ser um incómodo público.

Buscou raízes nas tradições culturais de outros povos e gentes, de África ao Brasil, ligou-as às nossas próprias e fez nascer sociedades novas, poemáticas de uma forma nunca visitada pela cultura deste areal onde não nasce a aurora.

E lá se sentava às vezes na Casa das Tortas de Azeitão, mais sozinho que o Herman que também por lá parava, sempre com papeis e um olhar distante, vazio por momentos dos amigos

maiores que o pensamento que lhe aqueceram o percurso, talvez imerso em linhas que hoje todos nós já ouvimos cantadas.

Caminharam com ele irmãos de revolta, como Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco, Rui Pato, José Jorge Letria, Manuel Freire, Alípio de Freitas, tantos que viram as portas que Abelil lhe abriu serem descobertas pelo Zeca como fechadas de novo... e a utopia a continuar, a elusiva revolução de gentes e montes a parecer uma necessidade eterna.

Era um filho da madrugada, fiel à sua moral muito própria... “*eu sou o meu próprio comité central*” - ele que nunca se identificou com nenhum... e tentaram conotá-lo com os comunistas, que ele nunca foi, com a LUAR, a que nunca pertenceu, até mesmo com uma estranha definição de “católico progressista”... seja o que for que isto queira dizer...

Anarquista, sonhador, poeta, Zeca Afonso colou aos oito séculos e meio de lusas tradições algumas páginas novas, com a coragem de muitos antes dele, mas com o ineditismo de que só a sua própria singularidade foi medida.

Entre “incómodo” e “perigo público”, o sistema catalogou-o ab initio como “um homem de esquerda” (esse mesmo sistema que das mudanças dá à História o ponto de vista de quem prevalece) - e o rótulo ficou, para desinformação das esquerdas e das direitas que, de resto, são designações cada vez mais misteriosas nos meandros dos seus contornos de conveniência.

Com o rótulo, secundarizou-se a dimensão do artista, do poeta, do músico, do génio que nunca poupou ferroadas, tanto às direitas como às esquerdas do seu tempo.

Porque Zeca Afonso, à procura de manhã clara, foi um libertário sem doutrina ou ideologia que não derivassem de si próprio.

Podia, em certos momentos, estar mais perto de certas posições que de outras, mas ferrava-lhes nas canelas ao menor desvio.

Ninguém nunca o obrigou, mas veio para a rua e cantou... e quem de perto o conheceu, sempre trouxe outro amigo também...

Tão distraído como Einstein teve fama de ser, ele vivia numa dimensão muito sua, nem sempre em consonância com o momento e o local imediatamente presentes.

Até como professor encontrou uma forma diferente de agir e

tentou, num país onde nunca houve nenhum clube de poetas mortos, estimular os alunos a pensar pelas suas próprias cabeças.

Durante 32 anos gravou discos e deixou uma obra que constitui um dos mais valiosos patrimónios da cultura portuguesa de todos os tempos.

Foi uma força da natureza, enquanto a vida lhe não faltou... e como não há machado que corte a raiz ao pensamento, ele alimentou a utopia que lhe deu forças até mesmo depois de as ter perdido às armas de uma coisa mais poderosa que lhe fora a PIDE, chamada esclerose lateral amiotrófica, um dos muitos fracassos das medicinas, que deixam uma pessoa lúcida mesmo quando já não consegue expressar-se...

Foi essa a última revolta, a que já não conseguiu transmitir...

Texto  
Pedro Laranjeira  
Ilustração  
Raim



> Da esquerda para a direita: Barata Moura, Vitorino, José Jorge Letria, Manuel Freire, Fausto, Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira

## Grândola Vila Morena

... o porquê da canção de Abril.

Conto esta história na primeira pessoa, porque é a narrativa de uma experiência de vida difícil de esquecer...

Há quem pense que foi a letra que fez do "Grândola" a canção escolhida para "senha de avanço" na noite de 24 para 25 de Abril de 1974, que foi o poema ou a figura de José Afonso, *per se*... mas não... se tudo isso pesou, e pesou decerto, a composição do Zeca tornou-se o símbolo da revolução dos cravos por um significado maior, que adquiriu menos de um mês antes. Foi num acontecimento em que participaram muitos portugueses, de forma espontânea, mas que passou relativamente despercebido na comunicação social de então, nesses tempos em que a imprensa, para falar de certas coisas, tinha que fazê-lo "nas entrelinhas"...

Estava-se em Março de 1974.

A Casa da Imprensa organizada, no Coliseu dos Recreios, o "Primeiro Encontro da Canção Portuguesa".

Quase não aconteceu, porque a necessária autorização nunca chegou. Segundo declarações de José Jorge Letria à Visão, trinta anos depois, "O regime já estava nitidamente em fase de implusão. Quiseram derrotar-nos não com uma proibição do Festival, mas com uma não-resposta. Até ao dia do espectáculo ainda não sabíamos se tínhamos, ou não, autorização. Por volta das 17 e 30 do dia 29, quando cheguei ao Coliseu, já havia muita gente à volta, e ao fundo da Avenida da Liberdade lá estava a polícia de choque... estava a desenhar-se ali um confronto!"

O ambiente no país era tenso: menos de duas semanas antes tinha ocorrido o golpe frustrado de 16 de Março, a censura dominava.

Eu trabalhava então como repórter freelance para o programa "Limite" da Rádio Renascença (o tal que tocou o "Grândola Vila Morena") e fazia em média seis reportagens de exteriores por semana, com não mais que uma a passar as malhas da censura.

Nessa noite, fui para o Coliseu, armado de gravador e uma grande vontade de ouvir as vozes que os censores da rádio baniam.

O ambiente era quente, a despeito de uma primavera ainda fria... os bilhetes tinham sido todos vendidos e houve quem ficasse à porta. O governo fez deslocar para o Coliseu muitos agentes da ex-PIDE, que então se chamava DGS, misturados com os espectadores.

A primeira coisa que vi quando cheguei foram dois cavalheiros da censura a verificar as letras do que ia ser cantado - o visado era Adriano Correia de Oliveira, depois seguiram-se todos, sem excepção - o Zeca lá conseguiu ordem para cantar o Milho Verde e uma música alentejana que não pareceu perigosa aos senhores do lápis vermelho, o "Grândola"...

Do palco, a música abraçou um Coliseu com cerca de sete mil pessoas.

Ali estiveram Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo, Pedro Almeida, Fausto, Barata Moura, Vitorino, Adriano Correia de Oliveira, Zeca Afonso, Carlos Paredes, José Jorge Letria e Manuel Freire.

Tudo foi normal até à chegada ao palco do "cantor andarilho". Zeca cantou o Milho Verde e a plateia pediu as canções que mais gostava... "Os Vampiros", foi um grito que ouvi várias vezes.

Nessa altura, decidi sair dos bastidores e fui para a plateia, gravar tudo mais de perto.

José Afonso ia dizendo que não podia cantar o que o público queria... "Não pode ser, percebem... vamos cantar outra coisa"...

Foi então que se começou a fazer História. Zeca cantou o Grândola. A meio, a plateia juntou-se-lhe, depois o resto do Coliseu, e também os artistas que tinham estado em palco - voltaram, deram-se braços, cantaram juntos, numa fila que enchia a boca de cena.

A canção estava no fim, por essa altura... e foi natural que nem chegasse a terminar, recomeçando agora a sete mil vozes!

Eu corria de pessoa em pessoa, recolhendo testemunhos que não conseguia ouvir, microfone encostado às bocas...

O som era avassalador, uma música simples, uma letra que todos sabiam, sete mil peitos em riste... até àquilo que foi a mais impressionante manifestação espontânea a que assisti em toda a minha vida!

Já o Grândola ia em fins de segunda volta, aconteceu o inesperado...

... a certa altura, em vez de a música continuar alentejana, o próximo verso foi o primeiro do Hino Nacional - assim, sem pausa, sem transição, sem que ninguém tivesse dito nada... parece que foi um sentimento colectivo que sete mil pessoas tiveram!

Grândola Vila Morena transformou-se em Heróis do Mar e foi cantado da primeira à última estrofe, sete mil portugueses de pé a fazer vibrar a sala com o hino da pátria amordaçada, numa repentina liberdade assumida ali e então.

Nada poderia ter sido mais claro, nenhum grito faria mais sentido.

Foi um momento que ficou escrito em letras de memória para quem lá esteve, um momento inolvidável, uma pedra de História.

Tinha nascido a razão maior por que "Grândola Vila Morena", menos de um mês depois, se tornaria a escolha natural para uma senha que iria abrir as portas a um país novo!





## Zé-Ca-Tra-Pum-Fonso

No mês de todas as homenagens a Zeca Afonso, a mais original:  
as batucadas dos Steel Drumming

POR ANA MARGARIDA DE CARVALHO

**E**sproveita-se já a primeira linha para rectificar as anteriores. É que chamar «batucadas» à banda de percussão do Porto, Drumming, é tão extensivo quanto redutor. Porque é com tambores de aço, panelas e outros bidões de inspiração caribenha que o grupo anda a «zeca» por aí – a marcar o início do ciclo de homenagem a Zeca Afonso, na Casa da Música, em Abril; no Centro Cultural de Belém no próximo dia 30; e em mais 17 concertos agendados por todo o País.

Drumming, este – chamemos-lhe assim – colectivo de 20 percussionistas, de constituição e nome variável consoante o projecto, nasceu em 1999, sob a direcção do professor Miguel Bernat, premiado percussionista espanhol. Todos eles são músicos profissionais, que sabem ler pauta, com uma formação igual à de um pianista ou director de orquestra, salienta Bernat. Para este tributo a Zeca Afonso, juntaram cinco elementos e um steel antes do nome, jogando com o duplo sentido: steel de «aço» (steel drums é o nome desses bidões caribenhos), e still de «ainda», que frisa a intemporalidade e universalidade da música do genial compositor português.

Nos 33 anos da revolução de Abril e nos 20 da morte do cantautor, as evocações chegam das inspirações mais improváveis: Zeca rima com ritmos africanos (Guto Pires, em Palmela), com jazz (Jacinta, em Santarém; Maria João e Mário Laginha, na Casa da Música), com samba (lançamento de *Co'is Tamanguinhas do Zeca*, da dupla brasileira Couple Coffee), com o violoncelista italiano Davide Zaccaria (lançamento de *A Terra do Zeca*), com as improvisações jazzísticas de Laginha e Sasseti, no grande concerto a quatro milos, nos *Dias da Música*, no CCB – talvez um pico insuperável nesta sequência de homenagens.

E, agora, segue-se Zeca à moda das ilhas de Trinidad, Tobago e Saint Vincent. Para garantir a lírica afonossina, os Steel Drumming

convidaram uma série de vocalistas (JP Simões, no concerto do CCB). De resto, os bidões têm infinitas potencialidades harmónicas, melódicas e rítmicas. São afinados em sistema temperado como um piano. Dá para tocar melodias, com timbres de baixos, tenores ou sopranos, como se de uma orquestra de cordas se tratasse. É mesmo possível transcrever para estes ritmos caribenhos as sinfonias de Beethoven ou Mozart. E tocar Carlos Paredes, sem adaptar, directamente das pautas para a guitarra portuguesa, como já fizeram os Drumming. Ou encomendar composições originais. O que pode parecer transgressor para a lógica de uns instrumentos que não têm tradição de escrita, associados a ambientes festivos. E isto faz parte do encanto dos steel drums, continua Bernat: «O som é fresco, enfeitante, enamora qualquer um. Tem um carisma cool.» Por isso, em Inglaterra, estes instrumentos são hoje adoptados para cativar os alunos das escolas. Ao contrário, do que acontece em Portugal e Espanha, onde ainda vigora a maldição da monótona flauta de Bésel. Que muito tem contribuído para afugentar gerações de miúdos das aulas de educação musical. ■

### Zeca Social Club

A música de José Afonso presta-se às mais diversas releituras: jazz, ritmos africanos ou samba...

